

Educação Sexual na Escola com a Participação da Família e o uso de Novas Tecnologias da Educação: Um Levantamento Bibliográfico ¹

Verônica Lima dos Reis
Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Resumo:

Este estudo investiga, por meio da pesquisa documental descritiva, os modelos de intervenção em Educação Sexual na escola com a participação da família e uso de novas tecnologias. As etapas metodológicas foram: coleta em bases de dados, seleção e leitura dos estudos e elaboração de agrupamentos temáticos, a partir da análise de conteúdo. Foram elaborados quatro núcleos temáticos: 1) Modelos de intervenção com profissionais; 2) Modelos de intervenção com adolescentes; 3) Modelos de intervenção com a participação direta da família e 4) Apreciação da participação da família na educação sexual. Os artigos analisados priorizam a população adolescente, quando descrevem a intervenção. Poucos consideram a importância da família para a educação sexual e as técnicas da informática são pouco exploradas como recursos pedagógicos.

Palavras-chaves: Educação sexual; Intervenção; Tecnologia da Educação.

Sexual Education in the school with family's participation and the use of Education's new technologies: a bibliographical rising

Abstract:

This study investigated, by descriptive documental research, the intervention models in Sexual Education in the school with the participation of the family and use of new technologies. The methodological stages were: collects in bases of data, selection and reading of the studies and elaboration of thematic groupings, by the content analysis. Four thematic group were elaborated: 1) intervention models with professionals; 2) intervention models with adolescents; 3) intervention models with the direct participation of the family and 4) Appreciation of the family's participation in sexual education. The analised articles prioritize the adolescent population, when describe the intervention. Few studies consider the family as important to sexual education and the techniques of the computer science are not very explored as pedagogic resources.

Keywords: Sexual education; Intervention; Technology of the Education.

¹ Parte deste estudo foi apresentado e publicado como resumo no II Encontro Iberoamericano de Educação (II EIDE), realizado na Unesp (Araraquara, SP) em 18/09/2007.

INTRODUÇÃO

Atualmente a preocupação com a educação sexual da criança e do adolescente é crescente, devido aos altos índices de contaminação de DST's, principalmente, a AIDS; além da ocorrência de gravidez não planejada na adolescência.

Segundo dados da OMS (2006), no Brasil em 2005 estimou-se que a população de crianças e adultos jovens com mais de 15 anos que viviam com AIDS era de 800 mil a 1 milhão de pessoas, sendo que a expectativa de morte foi de 21 mil pessoas. As complicações associadas à ocorrência de gravidez na adolescência, isto é, entre os 15 e 19 anos atingem 70.000 vidas de adolescentes por ano (OPAS, 2007). Neste sentido, muitas instituições ainda investem na educação sexual visando contribuir para a mudança desse cenário como, por exemplo, por meio de projetos de intervenção e ou a inclusão da sexualidade como um tema pedagógico, principalmente nas escolas. No entanto, os dados estatísticos sobre gravidez na adolescência e contágio de doenças sexualmente transmissíveis confirmam que essas iniciativas não têm sido suficientes para a prevenção.

A preocupação de estudiosos da sexualidade sobre estes altos índices abrange também o que esses números podem expressar, por exemplo, que os jovens não têm informações sobre a prevenção ou se têm não incorporam essas informações em suas atitudes. Dizendo de outro modo, a grande maioria dos jovens no Brasil ainda mantém comportamentos de risco. A educação sexual recebida por grande parte da população não só é precária para formar jovens que tenham comportamentos preventivos e hábitos saudáveis em relação ao próprio corpo como também não garante espaço para reflexão e formação de atitudes sobre sua sexualidade.

Uma das nossas hipóteses para isso é que a proposta de educação sexual na escola, tal como tem sido realizada, é reducionista e se baseia em dogmas moralistas e ou biológicos que não refletem sobre as condições objetivas da nossa sociedade, nem tampouco na educação familiar que impõe crenças importantes na construção de valores desses jovens. Concordamos com os autores Fagundes (1992), Guimarães (1995), Maia (2004), Suplicy e cols (1995) e Vitiello

(1997) quando relatam que a educação sexual na escola não pode negar a participação da família e da comunidade a que ela pertença.

A ação conjunta entre escola e família é fundamental se queremos, de fato, educar em sexualidade. Guimarães (1995) nos lembra que o papel que a família tem na formação sexual de seus filhos, oferecendo “educação sexual” de modo assistemático e muitas vezes dogmático precisa ser reconhecido e dialogado na escola, quando se pretende discutir sobre sexualidade de modo pedagógico.

Nas palavras da autora:

É a bagagem da educação informal, adquirida na família e na comunidade, o ponto de partida para se pensar em Educação Sexual na escola. Os programas educacionais sobre sexo nunca vão poder ignorar, repudiar, ou mesmo antagonizar as influências primeiras na construção da sexualidade (GUIMARÃES, 1995, p.99).

Sendo assim consideramos que todo o trabalho de educação sexual deve ser conjunto, e interdisciplinar, pois a sexualidade é, também, construída coletivamente, em uma determinada sociedade e cultura. A família deve dialogar com a escola e saber ouvir e conversar com seus filhos num processo de educação sexual emancipatório. Além disso, a escola, por meio dos educadores, deve contribuir com uma educação sexual adequada, atualizada e motivadora, inclusive fazendo o uso pedagógico das Novas Tecnologias da Educação.

É importante salientar que o uso de tecnologias, principalmente a partir do desenvolvimento da informática, vem possibilitando uma nova forma de aprendizagem, que respeita o ritmo individual do educando e pode aumentar seu interesse por determinado conhecimento uma vez que utiliza métodos atrativos para os jovens e também adultos.

Para Moran (2003) existem vários tipos de tecnologias, alguns costumamos denominar de recursos, que já são tradicionais no ambiente educacional, como: giz, lousa, livros e materiais impressos em geral. Outros tipos, embora menos utilizados, mas de fácil acesso, são: a televisão, os aparelhos de vídeo, o rádio, o gravador, as máquinas de calcular, a câmera fotográfica e a filmadora, entre outros.

O autor explica que tecnologias são os meios, os apoios ou as ferramentas utilizadas no processo ensino-aprendizagem. A organização da sala de aula ou de outros espaços, o giz que escreve na lousa, a forma de olhar, de

gesticular, de falar com os outros são exemplos de tecnologia de comunicação. Livros, revistas e jornais, assim como o gravador, o retroprojetor, a televisão e o vídeo também são tecnologias fundamentais para o processo ensino-aprendizagem, e geralmente são mal utilizadas (MORAN, 2003).

Dentre várias alternativas educativas, propomos, então, que o uso de novas tecnologias na educação sexual, tais como aquelas oriundas da informática, seria importante para levar conhecimento, reflexão e formação sobre atitudes relacionadas à prevenção da saúde sexual. Podemos citar como recursos da nova tecnologia na educação: o computador, a TV digital, o celular, os *Tablets*, os *Ipads*, MP3 e afins, a *internet*, *softwares* etc. Acreditamos que muitos alunos dominam essas tecnologias e quando chegam à escola mostram-se desanimados para o aprendizado diante dos recursos utilizados, considerados muitas vezes como desinteressantes.

Por outro lado, outros alunos têm dificuldades no acesso à tecnologia moderna, sendo que a escola passa a ser então uma oportunidade de oferta ao acesso tecnológico, corroborando com o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), criado em 09/04/1997, com a portaria nº 522, inicialmente denominado Programa Nacional de Informática na Educação. Este programa, reformulado e relançado em 2007, visa promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica, cedendo computadores (portáteis e não portáteis), *tablets* e recursos digitais e conteúdos educacionais para as redes públicas, além do oferecimento de programas de capacitação para professores e agentes educacionais (BRASIL, 2013).

Dados do MEC relativos ao ProInfo indicam que o programa adquiriu mais de 142 mil laboratórios, e está em funcionamento em 5.100 municípios, atingindo 64,6 mil estabelecimentos educacionais, 28,3 milhões de alunos e 1,2 milhão de professores (BRASIL, 2013). Atualmente o programa conta ainda com o Projeto Um Computador por Aluno (UCA), que em 2010 distribuiu 150 mil equipamentos para 300 escolas rurais e urbanas, em todas as regiões do país (BRASIL, 2013), o que nos leva a inferir que a maioria das escolas públicas está equipada com estes recursos tecnológicos.

Atualmente um dos grandes desafios da educação é se adaptar às tecnologias modernas e aos meios modernos de comunicação, pois a tecnologia reflete sobre a aplicação de técnicas para a solução de problemas educativos,

procurando colocar o processo ensino-aprendizagem como aspecto central, bem como sua qualidade, a medida que se preocupa com as técnicas e sua adequação às necessidades e à realidade dos educandos. Desta forma, é importante identificar as ferramentas que realmente podem ser utilizadas como instrumentos educacionais e avaliar sua aplicação de modo a promover a aprendizagem significativa, crítica e eficaz, também quando se trata da educação sexual.

De acordo com Ribeiro (2004) nos séculos XVI, XVII e XVIII a sexualidade predominantemente era tida como libidinosa para os homens e repressiva para as mulheres, tendo como pano de fundo as regras e normas baseadas no catolicismo. No século XIX, os discursos médicos passaram a ratificar os religiosos, predominando o controle da sexualidade e das práticas sexuais pela visão médica e científica. Segundo este autor, foi no início do século XX que surgiu a Sexologia, ainda como um campo médico, porém foi nessa época que se divulgou por meio de publicações muitos livros sobre educação sexual.

Por volta de 1960, iniciativas formais de educação sexual foram implantadas em algumas escolas, mas em decorrência do regime militar de 1964, foram reprimidas; novas iniciativas foram retomadas somente em 1978, com a abertura política do então presidente Ernesto Geisel (BARROSO e BRUSCHINI, 2000; MAIA, 2004; RIBEIRO, 1990; 2004).

Ribeiro (2004) comenta que foi a partir de 1980 que órgãos públicos assumem projetos de educação sexual nas escolas. Na década de 90, com a Lei de Diretrizes Básicas da Educação, criaram-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que dispunham em suas propostas a inclusão da sexualidade como um tema transversal a ser trabalhado nas escolas públicas de ensino fundamental e médio. O objetivo geral dos PCN é “apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres” (BRASIL, 1997, p.4).

A proposta de discutir a sexualidade nas escolas divulgada nos PCN surgiu como uma tentativa de educar para prevenir. A partir de então, a educação sexual, ganhou um novo estatuto, com destaque explícito da sua necessidade, embora ainda priorizando as questões de saúde pública e coletiva em detrimento de reflexões psicológicas e sociais sobre sexualidade o que gerou algumas críticas sobre essa proposta. Por exemplo, carência de materiais efetivos, falta de domínio, didática e habilidade de professores para trabalhar com conteúdos específicos da

educação sexual em virtude das dificuldades pedagógicas de formação e emocionais impostas por limites enraizados em valores conservadores e moralistas pessoais (NUNES e SILVA, 2002; REIS e RIBEIRO, 2002; MAIA, 2004).

Apesar das críticas, é importante considerar que esse documento contribuiu para que se reconhecesse no país que a educação sexual nas escolas não deve ser omissa e, embora de modo incipiente, há educadores que têm se esforçado na busca de trabalhar adequadamente com a educação sexual para seus alunos no contexto escolar, apesar de não terem formação na área (MAIA, 2004).

A defesa da educação sexual nas escolas vai além dos aspectos preventivos que visam a saúde sexual, pois a educação escolar deveria ser integral e inclusiva considerando também os aspectos da sexualidade humana no sentido de evidenciar seus aspectos científicos em uma perspectiva histórica e cultural, refletindo sobre os aspectos sociais repressivos. Chauí (1984) explica que existe repressão sexual na união que se estabelece entre “família, nação, estado, tradição e moral” (p.137), conceito este compreendido pela autora como um “conjunto de interdições, permissões, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade” (p.9).

Seria possível que uma proposta informativa não transmitisse valores, crenças e atitudes correspondentes às expectativas sociais? Como garantir que um processo de esclarecimento seja reflexivo e crítico? A medida em que não se problematiza os valores ou que se mantenha uma suposta neutralidade ou omissão, a família acaba por reforçar e manter modelos definidores de normalidade? Não seria necessário que a família dialogasse sobre a construção de valores sociais e culturais?

Mesmo diante de uma educação aparentemente de extrema ‘liberdade sexual’, padrões de conduta, igualmente repressivos, contribuem para adultos que têm dificuldades na educação sexual de seus filhos. Muitas famílias reproduzem uma educação sexual conservadora e moralista porque também foram educadas em uma época em que o principal valor era impedir manifestações da sexualidade. Santos e Bruns (2000) ressaltam que faltam possibilidades das crianças e adolescentes expressarem suas dúvidas, inquietações e anseios sobre sexualidade diante, muitas vezes, da omissão da família e, quando procuram esclarecimentos na escola, também encontram silêncio e repressão.

Neste sentido, a educação sexual de crianças e de jovens merece atenção interdisciplinar, pois, mesmo se pudéssemos considerar adequada a educação sexual recebida na escola, ela perderia a eficácia se não contasse com uma família que esteja preparada e disposta a refletir sobre as informações, respondendo abertamente às dúvidas, e, dialogando com os filhos sobre os valores deles próprios e da sociedade.

Diante do exposto, para refletir e contribuir no debate sobre modelos de intervenção em processos de educação sexual que considere a interdependência entre família e escola, este estudo teve por objetivo levantar em publicações, descrições de modelos de intervenção em Educação Sexual na escola com a participação da família, identificando, também, o uso pedagógico da chamada “nova tecnologia”. A verificação dos modelos e métodos que têm sido utilizados na educação sexual possibilitaria a divulgação de caminhos de atuação pedagógica a profissionais que trabalham com educação sexual, visando, principalmente a qualidade e eficácia destes trabalhos.

MÉTODO

Este estudo trata-se de uma pesquisa documental descritiva, realizada por meio do levantamento e análise de publicações no período de 2000 a julho de 2007 sobre modelos de intervenção em educação sexual na escola com a participação da família.

Foram adotados como procedimento quatro passos: 1. Coleta em bases de dados; 2. Seleção do material a ser analisado; 3. Leitura dos estudos completos; e 4. Elaboração de núcleos para a análise.

No primeiro momento, buscamos levantar pesquisas nas seguintes bases de dados: LILACS (Literatura Latinoamericana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), MEDLINE e SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*), através da BIREME (Centro Latinoamericano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde). A escolha dessas Bases de dados ocorreu pela fácil acessibilidade e expressiva produção de artigos na área das Ciências Humanas.

Para o levantamento dos estudos foi utilizado o cruzamento das seguintes palavras-chaves: educação sexual, família, escola, orientação sexual, intervenção, projeto e programa. Optamos por não colocar a palavra-chave novas tecnologias, pois isso restringiria por demais a busca de artigos. Além disso, o levantamento sobre o uso de recursos utilizados descritos pelos autores nos artigos independeria de sua citação no rol de palavras-chaves. A partir do levantamento inicial sobre os programas de educação sexual com a participação da família e escola, é que a análise sobre os recursos e técnicas utilizadas foi realizada.

Em segundo momento, foi feita a leitura dos resumos dos estudos encontrados, selecionando o material a ser analisado através da exclusão daqueles em que o foco da pesquisa não tinha relação com o tema em estudo. Partimos, então, para a leitura dos estudos completos e, finalmente, para a elaboração de núcleos temáticos para a análise.

Para análise das tecnologias agrupamos, a priori, os recursos da seguinte forma:

- a) Grupo 1: Materiais tradicionais, tais como, giz, lousa, livros e impressos em geral;
- b) Grupo 2: Materiais de Registro, tais como televisão, aparelhos de vídeo, rádio, gravador, máquinas de calcular, câmera fotográfica, filmadora, etc.; e,
- c) Grupo 3: Materiais de tecnologia recente, tais como: computador, TV digital, aparelho celular, MP3 (e afins), *internet*, e outros oriundos da informática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados dezenove estudos que relacionavam de alguma maneira intervenções/projetos/programas com educação sexual. Inicialmente, utilizando os descritores isoladamente, surgiram 20.442 artigos, contudo, após o cruzamento dos descritores já citados, restaram somente 26 artigos, sendo que destes, sete foram descartados, pois não faziam parte dos critérios de inclusão, ou seja, data de publicação anterior ao ano de 2000 e não mencionarem a participação ou a importância da família.

A distribuição dos 19 estudos selecionados conforme as Bases de Dados de busca foi a seguinte: *Lilacs* (9 artigos), *Medline* (2 artigos) e *Scielo* (8 artigos).

Após a seleção dos 19 estudos, quatro núcleos temáticos foram elaborados para análise, seguindo proposta de Bardin (2006), aos quais iremos descrever, em seguida:

Núcleo 1 – Modelos de Intervenção com profissionais;

Núcleo 2 – Modelos de Intervenção com adolescentes;

Núcleo 3 – Modelos de Intervenção com a participação direta da família;

Núcleo 4 – Apreciação da participação da família na educação sexual.

a) Descrição dos Núcleos Temáticos

Núcleo Temático 1 - Modelos de Intervenção com profissionais

Artigos desse agrupamento revelam um modelo de intervenção preocupado em capacitar profissionais para o exercício profissional em educação sexual, seja na escola ou em outra instituição.

Dois estudos fazem parte deste núcleo (CONCEIÇÃO et al, 2001; NICARÁGUA, 2001). O primeiro estudo foi desenvolvido no Brasil e, teve como prioridade a capacitação de professores para a educação sexual com crianças do ensino fundamental; o segundo foi desenvolvido na Nicarágua e objetivou a capacitação de uma equipe de saúde que posteriormente trabalharia diretamente na capacitação de professores e pais de adolescentes na educação sexual visando temas como direitos humanos, sexuais e de reprodução. Ribeiro (1990) ressalta que a capacitação docente é necessária, pois a educação sexual sem uma preparação adequada da comunidade escolar para o trabalho com uma nova abordagem em educação pode representar um modo reducionista e inoperante de esclarecimento sobre sexualidade. O autor explica ainda, que não adianta criar programas de educação sexual sem a participação de todos os envolvidos no processo educacional, principalmente na implantação destes programas.

Estes estudos relatam a importância da educação sexual familiar como uma influência indispensável na formulação de novas crenças e valores sobre a sexualidade humana o que reitera a ideia de autores como Guimarães (1995), Suplicy e cols (1995) e Vitiello (1997).

Os estudos deste núcleo não citaram os recursos tecnológicos utilizados para o desenvolvimento da intervenção, mas é possível inferir através da leitura do material, que usaram principalmente recursos da tecnologia tradicional (Grupo 1) e alguns da tecnologia de registro (Grupo 2), como televisão, vídeo e rádio.

Núcleo Temático 2 - Modelos de Intervenção com adolescentes

Este agrupamento reúne três estudos, todos desenvolvidos no Brasil (RENA, s/d; TONATTO e SAPIRO, 2002; CARVALHO, RODRIGUES e MEDRADO, 2005). A intervenção enfocou o trabalho diretamente realizado com adolescentes, buscando comprovar a eficácia de propostas de intervenção, sendo que dois deles foram baseados na proposta dos PCN.

Os três estudos citam a utilização de Oficinas em grupo sobre sexualidade como um procedimento pedagógico usado para o desenvolvimento do trabalho; as três intervenções foram realizadas em ambiente escolar. Nenhum dos estudos relata o envolvimento da família como participante da intervenção, mas salientaram a importância do trabalho interdisciplinar para a eficácia das intervenções.

É possível observar nos resultados descritos, que há o relato de que os adolescentes teriam buscado, inicialmente, o diálogo sobre sexualidade com seus pais, mas diante de poucas respostas, mostravam-se no início da intervenção, ainda bem desinformados. Sobre esta questão, Guimarães (1995), Maia (2004), Ribeiro (1990) e Vitiello (1997) afirmam que os pais muitas vezes são os que mais necessitam de educação sexual, pois apresentam informações distorcidas repletas de tabus e preconceitos, o que dificulta o diálogo aberto e crítico, alimentando a omissão ou a repressão por parte da família na educação sexual de seus filhos. Além disso, Tonatto e Sapiro (2002) reforçam que são necessárias modificações no planejamento curricular, visto que a base tradicional do ensino brasileiro não

proporciona o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar, pois se fundamenta em princípios e objetivos que não condizem com a contemporaneidade brasileira.

Neste modelo de intervenção foi comum o método de oficinas, fazendo uso principalmente de dinâmicas em grupo. Encontramos a utilização de todas as tecnologias, sobretudo a tecnologia tradicional (Grupo 1) e a tecnologia de registro (Grupo 2), embora também tenha sido citado o uso de tecnologias recente (Grupo 3), como a *internet* para pesquisa sobre um tema específico em sexualidade.

Núcleo Temático 3 - Modelos de Intervenção com a participação direta da família

Três estudos fazem parte deste núcleo (VASQUEZ et al, 2005; STANTON et al, 2004; HASSEN, 2002), sendo que um foi desenvolvido na Colômbia, um nos Estados Unidos e um no Brasil.

Esses estudos reúnem a descrição de intervenções que abordam, em geral, a capacitação e o desenvolvimento de novas percepções sobre os direitos e deveres com relação à sexualidade e, principalmente, à reprodução sexual tendo como principal instrumento pedagógico o uso de atividades lúdicas em grupos focais, envolvendo adolescentes, família e comunidade em geral.

O estudo desenvolvido nos Estados Unidos teve como objetivo principal comprovar, por meio de uma pesquisa experimental, a importância da participação da família, na intervenção. Neste estudo (STANTON et al, 2004) os autores verificaram que os filhos que tiveram a presença e participação dos pais no programa de intervenção em educação sexual apresentaram, 24 meses depois, mais comportamentos de proteção do que de riscos em relação à sexualidade, comparados aos comportamentos avaliados antes da intervenção. Os resultados mostraram o aumento de comportamentos de proteção com relação às DST's/AIDS e uso de substâncias psicoativas, a partir deste tipo de intervenção.

Considerando a interdisciplinaridade em intervenções de educação sexual, Raposo (2004) ressalta sobre a importância da metodologia que inclui família e escola, já que as crianças e adolescentes vivenciam os dois ambientes em seu dia a dia, existindo um elo entre ambos. Assim, nem um dos ambientes pode, separado

e exclusivamente, ser representativo das experiências de sexualidade infantil. O mesmo se estende à sexualidade do jovem adolescente. A família deve fazer parte no processo de educação sexual, bem como em seu planejamento, sendo que a escola deve buscar formas de incentivar este relacionamento e intercâmbio com a família (GUIMARÃES, 1995; MAIA, 2004; RIBEIRO, 1990; 2004).

Neste modelo de intervenção encontramos a utilização das tecnologias tradicionais e de registro (Grupo 1 e 2), sendo que o principal método educativo utilizado foi o trabalho lúdico e em grupo, o que entendemos ser adequado e importante para esse tipo de intervenção, uma vez que o trabalho em grupo colabora para a reflexão e a discussão de temas através de vivências lúdicas entre os participantes, possibilitando a partir da troca de experiências um aprendizado pessoal e grupal (ANTUNES, 1999; FRITZEN, 1996; SUPLICY e cols, 1995; YOZO, 1999). No caso de adolescentes, Serrão e Baleeiro (1999) ressaltam, ainda, que o trabalho em grupo favorece a construção da cidadania, através do exercício dos direitos e deveres, melhorando a auto-estima e o autoconhecimento dos participantes, além de promover a aprendizagem através do lúdico.

Núcleo Temático 4 – Apreciação da participação da família na educação sexual

Este núcleo não se caracteriza como um modelo de intervenção, mas preferimos mantê-lo como um agrupamento temático nos resultados porque trata de estudos que ressaltaram a influência da família sobre a educação sexual em programas de intervenção. Portanto, não sendo um modelo de intervenção não apresenta utilização de tecnologias na prática educacional/interventiva formalmente, embora, familiares possam lançar mão de tais recursos para ajudar no diálogo com seus filhos, mas isso é mera especulação e não tivemos acesso a essas informações.

Neste agrupamento, foram reunidos onze artigos caracterizados como estudos de caso, de revisão e de investigação empírica, sendo um estudo realizado nos Estados Unidos e dez no Brasil (ALTMANN, 2001, 2003; BORGES, NICHATA e SCHOR, 2006; COSTA et al, 2001; DIAS e GOMES, 2000; FERNANDES, SOUSA e BARROSO, 2004; JULIAO, FERNANDES e GURGEL, 2001; PERRINO, 2000;

RAPOSO, 2004; SOUSA et al, 2006; VITALLE, 2003). A característica principal neste núcleo é que os estudos enfocaram a necessidade da participação familiar para a educação sexual de crianças e de adolescentes, salientando que quanto mais cedo as crianças obtiverem informações corretas a respeito da sexualidade, poderão apresentar comportamentos mais seguros de modo mais preventivo em relação às atividades sexuais.

Encontramos nos resultados de alguns estudos deste núcleo o relato de preocupação de pais que acreditam que oferecer informação sobre sexualidade poderia incentivar a atividade sexual, crença comum a muitas pessoas e religiosos que recriminam inclusive campanhas ao uso de preservativos para prevenção de DST's e AIDS. Em contrapartida, resultados na investigação de outros estudos, pertencentes a este mesmo núcleo mostram o contrário: adolescentes que obtiveram educação sexual ainda na infância, com informações reais e sem repressão de sentimentos adiam o início da vida sexual, apresentando, posteriormente, comportamentos de proteção quanto a possíveis riscos à sua saúde e a de outros.

É notório neste núcleo, que a maioria dos adolescentes estudados busca informações primeiramente com amigos, mas quando o assunto torna-se mais complexo a busca recai aos professores e familiares. Pode ser que a família e a escola estejam mais preparadas para reconhecer a importância de se falar e esclarecer sobre sexualidade no período adolescente (MAIA, 2004). No entanto, como salientam Guimarães (1995) e Vitiello (1997) muitas vezes a rede de apoio familiar não tem informações adequadas sobre sexualidade, transmitindo às crianças e adolescentes informações incorretas, tabus e crenças infundadas.

Os dados deste núcleo reforçam a ideia de que para haver uma educação sexual promissora, que traga benefícios para uma sexualidade prazerosa e responsável, é preciso investir no diálogo entre instituições escolar e familiar e na busca de recursos adequados; uma educação sexual oferecida por profissionais e educadores deve ser coerente com a educação sexual que almejamos no seio da família, isto é, ética, respeitosa e flexível (GOLDBERG, 1988; GUIMARÃES, 1995).

b) Comentários gerais sobre os Núcleos Temáticos

Após a descrição e análise dos quatro núcleos temáticos, um dado que nos parece importante destacar é que a educação sexual é priorizada para o público adolescente, desconsiderando a necessidade da intervenção em outros momentos da vida, como a infância, por exemplo. Não houve nenhum estudo que descrevesse a educação sexual na escola para crianças, adultos, idosos ou outra população excetuando-se adolescentes. Acreditamos que a amplitude da sexualidade humana é manifestada desde o nascimento, por isso as crianças devem ser esclarecidas sobre o tema, como ressaltam Maia (2005), Nunes e Silva (2000), Raposo (2004) e Vitiello (1997). Além disso, outras populações também necessitam de esclarecimentos para a realização de uma vida sexual preventiva, como os idosos ou pessoas com deficiências.

Observamos que a publicação de estudos em educação sexual que consideram a família como parte integrante e importante do processo de educação sexual, é escassa, mas que quando elas ocorrem os relatos enfatizam contribuições positivas, como também enfatizam os autores Egypto (2003), Ribeiro (1990) e Sayão (1997). O mesmo em relação ao uso de tecnologias recentes baseadas nos recursos de informática: poucos relatos sobre seu uso, no entanto, quando o fazem, há resultados positivos da intervenção, conforme discutem Carvalho e Marques (2007), Moran (2001), Pires e Veit (2006) e Porto (2006).

Neste sentido, entendemos ser necessário maior investimento no diálogo entre instituições escolar e familiar, de maneira a gerar benefícios para uma sexualidade prazerosa e responsável. Além disso, acreditamos que atualmente muitos pesquisadores, educadores e profissionais diversos, têm procurado se adequar às novas tecnologias em educação; propostas de educação sexual também deveriam reconhecer esses recursos como um bom método pedagógico, dinâmico e motivador, que poderá trazer ganhos para o público envolvido, ou seja, educadores, alunos e familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defendemos a ideia de que a educação sexual deve ser compreendida na sua totalidade; propostas de intervenções que sejam educativas devem ser oferecidas a todas as faixas etárias do desenvolvimento e trabalhada conjuntamente em nossa sociedade, também com o uso das novas tecnologias da educação, nas diferentes instituições sociais, favorecendo um diálogo entre a escola, a igreja, os meios de comunicação de massa, a literatura, as políticas públicas governamentais e, sobretudo, a família que é um espaço poderoso de divulgação de crenças, valores e repressão sexual, mas também um espaço de possibilidade de diálogo, reflexão e emancipação da autonomia.

Sabemos que há limitações nesta análise, considerando como amostra apenas os estudos disponibilizados em base de dados da rede *internet*. Entretanto, sabemos também que a *internet* é uma das fontes mais utilizadas entre os acadêmicos e pesquisadores na busca de referências sobre diversos problemas de pesquisas; por isso nos pareceu interessante estudar essa questão e divulgá-la no que se refere à educação sexual na escola e família, pois a sistematização e a divulgação de estudos são etapas extremamente relevantes entre os pesquisadores na busca de uma construção promissora de ciência.

Pela natureza do estudo documental, não é possível inferir sobre a qualidade da participação da família e dos recursos utilizados nos modelos de intervenção descritos nos estudos analisados. No entanto, é possível concluir, a partir deste breve levantamento bibliográfico, que ainda são escassas as iniciativas de educação sexual que possam dar conta do desafio de formar pessoas preparadas a lidar com a sua sexualidade, considerando o acesso a informações preventivas sobre saúde sexual e a reflexão de valores e crenças impregnados na cultura. Almeja-se que propostas de educação sexual que considerem a amplitude da questão também no planejamento, realização e divulgação dos resultados possam ser compartilhadas com mais frequência no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v.9, n.2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 Jun 2007.

ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. *Cad. Pagu.*, Campinas, n.21, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 Jun 2007.

ANTUNES, C. *Manual de técnicas de dinâmica de grupo de sensibilização de ludopedagogia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. *Sexo e Juventude: Como Discutir a Sexualidade em Casa e na Escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

BORGES, A.L.V.; NICHATA, L.Y.I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. *Rev. latinoam. enfermagem*. Ribeirão Preto, v.14, n.3, p.422-427, maio-jun. 2006.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *ProInfo – Programa Nacional de Tecnologia Educacional*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 21 Fev 2013.

CARVALHO, A.M.; RODRIGUES, C.S.; MEDRADO, K.S.. Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. *Estudos de Psicologia (Natal)*. Natal, v.10, n.3, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-94X2005000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 Jun 2007. Pré-publicação.

CARVALHO, E.M.O.F.de; LAGE-MARQUES, J.L. Internet – Um recurso didático. *Revista da ABENO*. São Paulo, v. 7, n.3, p.58-62, 2007. Disponível em: <http://www.abeno.org.br/revista/arquivos_pdf/2007/abeno%207-1.pdf>. Acesso em: 11 mar 2008.

CHAUÍ, M. *Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CONCEIÇÃO, J.A.N.; PRIMO, E.; MASCARETTI, L.A.S.; ALDERETE, J.M.S. Projeto de vida e sexualidade: fundamentos para a educação sexual nas escolas. *Revista Paulista de Pediatria*. São Paulo, v.19, n.1, p.26-31, mar. 2001.

COSTA, M.C.O; LOPES, C.P.A.; SOUZA, R.P.de; PATEL, B.N. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *Jornal Pediatria*. Rio de Janeiro, v.77 (supl.2), s217-S224, nov. 2001.

DIAS, Ana Cristina Garcia; GOMES, William B. Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes. *Psicologia Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v.13, n.1, 2000.

EGYPTO, A. C. (Org.). *Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

FAGUNDES, T.C.P.C. Educação Sexual – Prós e Contras. *Revista brasileira de sexualidade humana*. São Paulo, vol.3, n.2, p.154-158, 1992.

FERNANDES, J.F.P.; SOUSA, L.B.de; BARROSO, M.G.T. Repercussão da gravidez no contexto sócio-familiar da adolescente - uma experiência. *Acta Paulista Enfermagem*. São Paulo, v. 17, n.4, p.400-406, out/dez. 2004.

FRITZEN, S. J. *Exercícios práticos de dinâmica de grupo*. (Vol 1). Petrópolis: Vozes. 1996.

GOLDBERG, M.A.A. *Educação Sexual: uma proposta, um desafio*. 4a edição. São Paulo: Cortez, 1988.

GUIMARÃES, I. *Educação Sexual na Escola – mito e realidade*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

HASSEN, M.de.N.A. Grupos Focais de Intervenção no projeto Sexualidade e Reprodução. *Horiz. antropol.* Porto Alegre, v.8, n.17, jun. 2002.

JULIAO, T.C.; FERNANDES, A.F.C.; GURGEL, A.H. Prevenção de DST'S/AIDS: Uma abordagem junto a famílias de adolescentes. *Rev. RENE*. Fortaleza, v.2, n.1, p.53-59, jan-jul. 2001.

MAIA, A.C.B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P.R.M. *Sexualidade e educação: Aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p.153-179.

MAIA, A.C.B. Sexualidade e educação sexual: questões sobre a repressão. In: SILVA, A., SANTOS, B.R. e OLIVEIRA, C.M. (Orgs.). *Infância e Adolescência em Perspectiva*. São Vicente: Prefeitura Municipal de São Vicente, 2006, p. 9- 16.

MAIA, A.C.B. Sexualidade: reflexões sobre um conceito amplo. *SBPN – Scientific Journal*, v.5, n.1, p.45-48, 2001.

MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. *Sexualidade e Infância*. Cadernos CECEMCA: MEC/UNESP, 2005, 123p.

MORAN, J.M. Novos desafios na educação - a Internet na educação presencial e virtual. In: PORTO, T.M.E. (Org.). *Saberes e Linguagens de educação e comunicação*. Pelotas: UFPel, 2001, p.19-44.

MORAN, J.M. Gestão inovadora da escola com tecnologias. In: VIEIRA, A. (org.). *Gestão educacional e tecnologia*. São Paulo: Avercamp, 2003, p. 151-164.

NICARÁGUA. Experiências demonstrativas para un modelo de partamental de servicios diferenciados para adolescentes. *Managua (MINS)*. 17 p., 2001.

NUNES, C.; SILVA, E. A. *Educação Sexual da Criança: Subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 72).

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Epidemiological fact sheets stimativas – on HIV/AIDS and sexually transmitted infections. Dez. 2006. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/saude>>. Acesso em 01 Ago 2007.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICA DE SAÚDE. *Saúde integral do adolescente e do jovem*. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/familia/temas.cfm?id=72&area=Conceito>>. Acesso em: 25 Abr 2007.

PERRINO, T.; GONZÁLEZ-SOLDEVILLA, A.; PANTIN, H. E SZAPOCZNIK, J. The role of families in adolescent HIV prevention: a review. *Clin Child Fam Psychol. Rev. Flórida*. v.3, n.2, p. 81-96, 2000.

PIRES, M.A.; VEIT, E.A. Tecnologias de Informação e Comunicação para ampliar e motivar o aprendizado de Física no Ensino Médio. *Rev. Bras. Ens. Fis.* São Paulo, v.28, n.2, abr./jun. 2006.

PORTO, T.M.E. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. *Rev. Bras. Educ.* Rio de Janeiro, v.11, n.31, jan./abr. 2006.

RAPOSO, A.E.S. *Sexualidade infantil: Formas de pensamento em uma escola para educação infantil e na família da criança*. 2004, 199f. Tese - Doutorado em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RENA, L.C.C.B. *Projeto Adolescer: Concepção de sexualidade dos adolescentes no interior de Goiás: conseqüências para o processo de reprodução humana*. Goiás - 1992/1995. s.l, s.n, 118 p., s.d.

REIS, G.V.; RIBEIRO, P.R.M. A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: RIBEIRO, P.R.M. *Sexualidade e educação sexual: Apontamentos para uma reflexão*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002, p.81-96.

RIBEIRO, P.R.M. *Educação sexual além da informação*. São Paulo: EPU, 1990.

RIBEIRO, P.R.M. Os Momentos Históricos da Educação Sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P.R.M.R. *Sexualidade e educação: Aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p.15-25.

SANTOS, C.; BRUNS, M.A.T. A. *Educação Sexual pede espaço: Novos horizontes para a práxis pedagógica*. São Paulo: Ômega Editora, 2000.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Sexualidade na escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus Editorial, 1997, p. 107-117.

SERRÃO, M.; BALEEIRO, M.C. *Aprendendo a Ser e a Conviver*. São Paulo: FTD, 1999.

STANTON, B.; COLE, M.; GALBRAITH, J.; LI, X.; PENDLETON, S.; COTTREL, L.; MARSHALL, S.; WU, Y.; KALJEE, L. Randomized Trial of a Parent Intervention - Parents Can Make a Difference in Long-term Adolescent Risk Behaviors, Perceptions, and Knowledge. *Arch Pediatr Adolesc Med*. V.158, Oct.2004. Disponível em: <www.archpediatrics.com>. Acesso em: 06 Jul 2007.

SUPLICY, M.; EGYPTO, A.C.; BRANCO, C.C.; GONÇALVES, E.V.; MENOCCI, D.T.; SILVA, R.de C.; SAYÃO, Y.; SILVA, M.R. da; BOCK, S.D.; SILVA, M.C.P. da (GTPOS-GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL. *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1995.

TONATTO, S. E.; SAPIRO, C.M. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: Uma proposta de intervenção em ciências. *Psicologia e Sociedade*. Porto Alegre, v.14, n.2, p. 163-175, jul./dez. 2002.

VASQUEZ, M.L.; ARGOTE, L.A.; CASTILLO, E.; MEJIA, M.E.; TUNJO, R.; VILLAQUIRAN, M.E. Educación en derechos sexuales y reproductivos: una perspectiva integral con adolescentes escolarizados. *Colomb. Medica*. Cali, v.36, n.3 (supl.2), p.6-13, jul. 2005.

VITALLE, M.S.de S. Alguns pontos conceituais sobre sexualidade na adolescência. *Revista Paulista Pediatria*. São Paulo, v.21, n.2, p.89-94, jun. 2003.

VITIELLO, N. *Sexualidade - quem educa o educador – um manual para jovens pais e educadores*. São Paulo: IGLU, 1997.

WIKIPÉDIA. *Tecnologias educacionais*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologias_educacionais> Acesso em: 23 Jan 2008.

YOZO, R.Y.K. *100 Jogos pra Grupos – Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas*. São Paulo: Agora, 1999.

Resumo das autoras:

Ana Cláudia Bortolozzi Maia: Psicóloga. Mestre em Educação Especial (UFScar/São Carlos), Doutora em Educação (UNESP, Marília/SP). Docente do Curso de Graduação em Psicologia e do Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem – Faculdade de Ciências/Bauru e do Curso de Pós-Graduação em Educação Escolar – Faculdade de Ciências e Letras/ Araraquara (Universidade Estadual Paulista- UNESP). Líder do Grupo de Pesquisa “Sexualidade, Educação e Cultura” (GPESEC). Endereço eletrônico: aclaudia@fc.unesp.br

Verônica Lima dos Reis: Psicóloga. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem – Faculdade de Ciências/ Universidade Estadual Paulista- UNESP, campus de Bauru/SP. Professora formadora a Distância no curso “Práticas inclusivas na área da deficiência intelectual” – UNESP/NEAD/UAB. Pesquisadora do Grupo Pesquisa “Sexualidade, Educação e Cultura” (GPESEC). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Saúde (NEPPS). Endereço eletrônico: veronica.reis@nepps.com.br